LISTAS LITERÁRIAS: FORMAS PARA INDICAR LIVROS E LEITURAS

Arnon Tragino (UFES/FAPES)[1]

Resumo: Umberto Eco (2010), em *A vertigem das listas*, explica que a criação de listas em formas de catálogos condicionou, desde a apresentação do escudo de Aquiles na *Ilíada*, de Homero, até a ideia de infinito nas obras de James Joyce, a vontade de elencar elementos na literatura. É nesse incurso que encaminhamos o presente trabalho: na indicação de livros da literatura brasileira em um âmbito internacional, como ela se apresenta na obra *1001 livros para ler antes de morrer*, de Peter Boxall (2010)? Assim, teoricamente nos apoiamos em Eco (2010), considerando as formas contemporâneas de leitura a partir das listas e como elas podem ser usadas como primeiras representações da literatura a ser indicada.

Palavras-chave: Listas literárias; Indicações de livros; Leitura da literatura brasileira; Literatura brasileira no exterior

O trabalho propõe uma breve análise da obra *1001 livros para ler antes de morrer*, de Peter Boxall (2010), dando foco à presença da literatura brasileira em suas formas de indicação por meio de pequenas resenhas para recomendar ao leitor uma lista literária. Teoricamente, fazemos um diálogo com *A vertigem das listas*, de Umberto Eco (2010), para entender como uma lista de livros se constitui dentro do processo de indicação da literatura, em que é possível identificar uma ampla rede de conexões com seleção e organização de textos. Também mostramos um breve histórico das listas literárias quando formam conjuntos, por exemplo, como os livros do vestibular, os *best-sellers* e os cânones, e listas mais pessoais como as copiladas no *Listas extraordinárias*, de Shaun Uscher (2016). Acreditamos assim que, na contemporaneidade, formas textuais como essas (as listas) se tornam constantes e, às vezes, quase invisibilizadas pelo intenso uso cotidiano, mostrando um valor e uma dinâmica que registram desde usos pragmáticos até a difusão do conhecimento.

Fazendo um curto retrospecto da pesquisa, que se insere nos estudos do grupo de pesquisa Literatura e Educação, começamos a pensar a respeito do assunto "lista" no mestrado, que resultou na dissertação *Livros, leituras e leitores: a literatura do Espírito Santo no vestibular da UFES* (TRAGINO, 2015). Ao observar a presença da literatura do Espírito Santo no vestibular local, o da Universidade Federal do Espírito Santo, um

[1] Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na linha de pesquisa Literatura: Alteridade e Sociedade (LAS). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). Participa do grupo de pesquisa Literatura e Educação (http://www.literaturaeeducacao.ufes.br/), com orientação da professora doutora Maria Amélia Dalvi. Contato: arnon.tragino@hotmail.com.

dos pontos de análise do trabalho foi a lista de livros indicada como leitura obrigatória no exame. Percebemos que ela tinha a função de fazer o aluno conhecer e ler obras que não são familiares para ele, não só para mostrar o que foi possível aprender no ensino de literatura da escola, mas supostamente para levá-lo a refletir sobre um amadurecimento intelectual futuro dentro da universidade, cuja leitura dos livros indicados, basicamente o cânone da literatura brasileira, traria discussões como as de um curso de graduação.

Imaginamos o desdobramento disso na pesquisa de doutorado, pela tese em andamento *Listas literárias: uma história das indicações dos livros*, expandindo a ideia para a literatura de modo geral: como, onde e por que se formam listas na literatura? Na pesquisa, no entanto, fizemos um recorte sobre a presença e a ausência da literatura brasileira em listas internacionais, que são publicadas lá fora para o leitor estrangeiro e depois trazidas para cá, construindo uma imagem do que se produz e do que se lê para o público brasileiro.

O estudo sobre as listas ainda é novidade, mas já é possível encontrar fortuna crítica acerca do tema, como o capítulo "O que é que uma lista contém?", do livro *A domesticação da mente selvagem*, de Jack Goody (publicado em 1977), com a visão de a lista ser um artefato antropológico. Também há o livro *The List – The Uses and Pleasures of Cataloguing*, de Robert Belknap (de 2004), com o conceito específico do que é uma *lista literária*. *A vertigem das listas*, de Umberto Eco (de 2009), que comentamos em breve. E *Listas extraordinárias*, de Shaun Usher (de 2014), mostrando uma vasta produção de listas na história e como ela pode ser um gênero textual e literário. Compondo o estudo, existem ainda os guias de leitura: *The New Lifetime Reading Plan*, de Clinton Fadiman e John S. Major (de 1960); *O livro das listas*, de David Wallenchinsky e Amy Wallace (de 1977); *1001 livros para ler antes de morrer*, de Peter Boxal (de 2006), que analisamos nesse trabalho; *501 grandes escritores*, de Julian Patrick (de 2008); e o mais recente *O livro da literatura*, de James Canton (de 2015), da coleção *As grandes ideias de todos os tempos*.

No Brasil, o tema é pesquisado pela professora Maria Esther Maciel (2010), da UFMG, como no livro *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*. Mas ainda há outras publicações como três edições da revista *Bravo* (*100 livros essenciais da literatura mundial*, 2007; *100 livros essenciais da literatura brasileira*, 2009; e *100 contos essenciais da literatura mundial*, 2009). Em termos de

guias, Léa Masina (2013; 2015) produziu o *Guia de leitura – 100 autores que você precisa ler* e o *Guia de leitura – 100 poetas que você precisa ler*. Há também outros pesquisadores que fizeram trabalhos com listas como Italo Moriconi, Tânia Pellegrini e Beatriz Rezende.

Falando sobre Umberto Eco, a pesquisa sobre listas faz parte dos seus trabalhos que tratam de elementos pouco convencionais. Seguindo a esteira de *História da beleza* (publicação de 2004, na Itália), *História da feiura* (de 2007), mas precedendo o *História das terras e lugares lendários* (de 2013), *A vertigem das listas* (publicado no Brasil em 2010) mostra um longo acervo de listagens, desde a *Ilíada* de Homero até a internet, que indicam um pensamento de categorização, catalogação e ordenação, instituindo uma referência sobre um conjunto, um plano sobre uma figura segmentada por muitos elementos. Essa ação cria uma imagem única, abrangente, que dá limites ou contornos aos objetos que se aproximam por algo em comum.

Entretanto, não existe uma origem clara para a listagem na literatura: a forma textual na *Ilíada* foi uma primeira investigação proposta por Eco (2010) para entender o processo de descrição de dois objetos: a frota grega no canto II e o escudo de Aquiles no canto XVIII. Posterior a isso, há também no livro de Eco, por exemplo, a lista de lugares na *Odisseia*; os deuses na *Teogonia* e de atividades em *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo; os gêneros na *Poética*, de Aristóteles, e na *Arte poética*, de Horácio, as aventuras de Eneias, na *Eneida* de Virgílio; as práticas medievais compiladas nos cancioneiros e nas novelas de cavalaria; os níveis do inferno de Dante, na *Divina comédia*; e a própria constituição da *Bíblia sagrada* para a editoração quando Gutenberg inventou a imprensa, o que propulsou a difusão dos livros em larga escala nos séculos seguintes.

A pluralidade e a multiplicidade de listas em nossa época como os vestibulares, as antologias, as coleções, as coletâneas, os mais vendidos da semana ou *best-sellers*, os cânones, os clássicos, os eventos e prêmios literários, os catálogos de livrarias e bibliotecas, as indicações de instituições governamentais, os livros eletrônicos e a internet chegam à ideia de Eco (2010) para discorrer sobre a comunicação de massa, mostrando certa impossibilidade de frear a produção de listagens dentro da construção de novas categorias de ordem e de classificação, o que gera o efeito de, às vezes, não se conseguir categorizar ou classificar os objetos. Assim, as noções de infinitude e caos

(como consequências do efeito gerado) vistas em *A vertigem das listas* mostram que a lista atravessa circunstâncias muito ambivalentes, mas, para além disso, ela promove principalmente uma inscrição nos gêneros textuais e literários, quando tentamos explicar sua presença nos contextos que apresentamos: nos livros, na literatura, nas coleções, na internet, etc.

Especificamente agora queremos dar atenção a dois conceitos: a ideia de lista poética, que o autor apresenta ao falar sobre os conjuntos de itens colocados numa obra literária ou numa obra ficcional, aspecto diferente, por outro lado, da lista prática, aquela do cotidiano, de uso pragmático: lista de compras, catálogos, receitas, etc. Entendemos que para o autor os conceitos não se simplificam apenas na diferença do que seja ficcional e não-ficcional, mas sim como um observador enxerga o que está listado: os níveis poéticos e práticos de uma lista dependem de concepções do sujeito, dependem de noções colocadas sobre o objeto, mas principalmente de alguma troca elementar de quem vê uma lista e como esta se dispõe. Seria paradigmático, para Eco, que uma lista literária traga então um exemplo adequado da junção das duas noções, pois a questão prática poderia ser colocada na função dos livros, dos objetos impressos, na materialidade daquilo que faz circular a escrita ficcional com seus modos e usos na leitura, como numa biblioteca, por exemplo. Em conjunto a isso também, o lado poético carregaria a ficção, a construção textual que se mostra ao leitor principalmente como informação literária.

Podemos enxergar essa perspectiva no diálogo com a obra *1001 livros para ler antes de morrer*, de Peter Boxall (2010), em que há a proposta para reunir 1.001 pequenas resenhas sobre diversos romances do mundo. Como explicado na introdução ao livro, Boxall diz que a inspiração veio das histórias árabes em *As mil e uma noites*, contadas por Sherazade noite após noite para evitar a própria morte. Não só por esse aspecto de sobrevivência, o autor informa também que o valor numérico contido no livro foi pensado como expansão infinita (uma tarefa de leitura que traria prazer por um longo tempo) e como brevidade urgente (já que essa leitura deveria preceder a morte). Além do fato de o projeto do livro dar primazia ao gênero romance, um dos pontos que destacamos é o argumento de Boxall acerca das intenções das resenhas em agir como confissões no fim de uma vida, tornando a leitura dos 1.001 livros irresistível e

obrigatória. Assim, esse conjunto listado não funciona apenas como um guia de leitura, mas promove um exercício de contato com a literatura ao longo da vida.

Esse acúmulo temporal que se desdobra numa ideia de contato para sempre com o literário pode ser visto em Eco (2010) pela noção de infinitude, em que seria possível descrever infinitamente o que se quer listar, alimentando um eterno dizer sobre um objeto. Isso significa dizer que a projeção para uma quantidade ideal de leitura seria uma atividade também de projeção do conhecimento, quando trazido e colocado na literatura diante do leitor. Em meio a essa perspectiva, é importante entendermos que o processo de descrição e listagem na recomendação de livros também denota o consumo desses objetos, tanto no campo mercadológico de se vender infinitamente textos para leitura, quanto em tornar acessível e, concomitante a isso, dizer que é bom ler muito.

No caso de listas literárias há uma metonímia quando um livro lista mil livros para leitura, mostrando assim o contato ideal, infinito ou que escapasse dos limites das possibilidades reais da leitura de uma pessoa. Todo esse alcance para além da realidade parece compor um projeto de sempre tentar fazer do leitor um sujeito insatisfeito com o pouco que já leu, dando às recomendações de leitura um caráter benéfico para sempre aumentar o consumo dos livros e absorver as visões de mundo da literatura. Apesar do leitor ter autonomia de poder retirar das listas aquilo que deseja ler, fazendo uma seleção da própria seleção ali já listada, ainda assim permanecem nelas as ausências, ou o que ainda falta ser lido (essencialmente as listas parecem ter esse nó, entre o que contém e o que não contém, pelo que percebemos). Mesmo que a produção de uma lista seja infinita, como demostra Eco (2010), e sua representação seja dada de modo finito como está no título de *1001 livros para ler antes de morrer*, e mesmo que ainda seja possível uma pessoa ler 1001 livros durante toda a vida, o gênero textual lista pela metonímia que comentamos aliada a uma falta de mediação de leitura pode trazer uma sobrecarga para o leitor.

Se associarmos a noção de lista prática às recomendações de *1001 livros para ler antes de morrer*, observamos que a expressão numérica condensa tal função, uma vez que há a divulgação específica de 1.001 livros. Esse conceito de Eco (2010) indica que a disposição pragmática de mais de mil livros colocados numa estante e seguindo a ordem do livro de Boxall (2010) não só expõe uma forma de uso dos objetos impressos como também intui uma regularidade, um pensamento de organizar um modo de leitura e

apropriação desse material. Enquanto que a associação à lista poética estabelece o valor literário, o apreço estético e o interesse do leitor ao lidar com a ordem de leitura: nesse caso, é vista na reunião dos romances a pluralidade dos textos, ao mesmo tempo em que se reforça uma tradição literária.

Analisando então a literatura brasileira na obra e entendo as proximidades dos conceitos acima, ela se inicia com *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo (1844), e termina com *O filho eterno*, de Cristovão Tezza (2007). São ao todo 47 livros resenhados por José Castello, autor que certamente foi consultado pela equipe de Boxall na Inglaterra para escrever sobre o Brasil.

O padrão de escrita seguido pelo jornalista é sempre contextualizar o romance com a história, mas principalmente com a biografia do autor, recurso comum para deixar o leitor estrangeiro a par de como a obra surgiu. Mas Castello não inova nas descrições, ele mostra sempre a imagem mais conhecida pela crítica de cada romance, dando a entender, é claro, e concordando com o estilo das outras 954 resenhas, que o foco de *1001 livros para ler antes de morrer* é para os leitores comuns, os não especialistas em literatura. Além disso, a seleção dos 47 livros perpassa a cronologia, o histórico da produção romanesca no país, mostrando para esse leitor a primeira obra publicada até a última de grande repercussão.

O que instiga a análise, assim, são os elementos mínimos apresentados nas resenhas sobre os romances, que capturam a atenção do leitor. Tomando como exemplo os livros brasileiros citados, vemos *A moreninha* ser descrito por Castello como um sucesso, o romance que inaugurou o Romantismo no Brasil, o que recupera o imaginário do leitor sobre o amor a ser conquistado, especialmente pelas ações dos personagens Augusto e Carolina. Ao passo que as descrições de *O filho eterno* já evidenciam uma história sem idealizações, quase até sem esperanças, na insatisfação e na dificuldade de um pai ao criar um filho com síndrome de Down. O denominador comum das duas resenhas, no entanto, e que aparece nas demais 45, é apontar o grande público e a consideração de importância crítica da obra como motes para a recomendação de leitura. São raros os casos em que um livro pouco conhecido é divulgado nesse contexto, fato que coloca *1001 livros para ler antes de morrer* também com um foco comercial em manter o mercado ativo pelas altas vendagens de obras já muito reconhecidas.

Retomando Eco (2010), podemos observar que a seleção e a listagem da literatura brasileira em *1001 livros para ler antes de morrer* são muito pragmáticas ao indicar 47 romances canônicos produzidos aqui, no pensamento de que o leitor estrangeiro poderia ler essa literatura por essas escolhas: 47 livros muito lidos e estudados que seriam conhecidos pelo leitor médio brasileiro e que portanto deveriam ser divulgados em outros países. Ao mesmo tempo, o conteúdo das histórias traria listada uma carga de representatividade poética: estilos, temas, metáforas e visões de mundo do que se cria na literatura do Brasil.

Essas perspectivas, por outro lado, não se separam de um uso de *1001 livros para ler antes de morrer* como um objeto enciclopédico para facilitar o conhecimento geral sobre a literatura. O mínimo oferecido por cada resenha, tanto no conjunto dos livros brasileiros, quanto no dos internacionais, pode auxiliar os leitores apenas para estes ostentarem um aparente saber literário superficial, conhecimento que efetivamente não possuem ou que talvez não buscam possuir devido à simplificação dada pelo tom mercadológico do livro, apesar da linguagem das resenhas também conter um discurso introdutório de divulgação e recomendação da obra para um primeiro contato ou uma leitura inicial, deixando o aprofundamento e estudo do texto para uma escolha do leitor.

O estudo crítico sobre as listas, portanto, busca ver a inscrição e o registro de um processo de organização do saber, um gênero textual e literário que promove uma divulgação do conhecimento, ora de maneira efetiva, ora de modo resumido. Assim, a pesquisa sobre as listas literárias também impulsiona a expansão da literatura, da leitura e da informação sobre os textos: a venda e o consumo de livros que recomendam outros livros podem ampliar e coordenar a escolha dos leitores, o que influenciaria conjuntamente a qualidade e a quantidade do que se lê. Nesse contexto, o ineditismo do trabalho, então, acrescenta um próximo passo às investigações sobre as textualidades contemporâneas.

Referências bibliográficas

100 LIVROS essenciais da literatura mundial. *Especial Bravo!* São Paulo, v. 1, n. 3, 2007.

100 LIVROS essenciais da literatura brasileira. *Especial Bravo!* São Paulo, v. 1, n. 1, 2009.

100 CONTOS essenciais da literatura mundial. *Especial Bravo!* São Paulo, v. 1, n. 9, 2009.

BELKNAP, Robert E. *The list: the uses and pleasures of cataloguing*. New Haven: Yale University Press, 2004.

BOXALL, Peter. (Ed.). *1001 livros para ler antes de morrer*. Tradução de Ivo Korytowski, Marcelo Mendes e Paulo Polzonoff. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

CANTON, James. (Org.). *O livro da literatura*. Tradução de Camile Mendrot. São Paulo: Globo, 2016.

ECO, Umberto (Org.). *História da beleza*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005

ECO, Umberto (Org.). *História da feiura*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ECO, Umberto. *A vertigem das listas*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, Umberto. *História das terras e lugares lendários*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2013.

FADIMAN, Clinton; MAJOR, John S. *The new lifetime reading plan*. New York: HarperCollins, 1999.

GOODY, Jack. *A domesticação da mente selvagem*. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2012.

MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MASINA, Léa (Org.). *Guia de leitura: 100 autores que você precisa ler*. Porto Alegre: LP&M, 2013.

MASINA, Léa; BARBERENA, Ricardo; CARNEIRO, Vinícius (Orgs.). *Guia de leitura: 100 poetas que você precisa ler*. Porto Alegre: LP&M, 2015.

PATRICK, Julian. (Ed.). *501 grandes escritores*. Tradução de Livia Almeida e Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

TRAGINO, Arnon. *Livros, leituras e leitores: a literatura do Espírito Santo no vestibular da UFES*. 2015. 145 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Letras, ES. Disponível em:

http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3292/1/tese_8594_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Arnon.pdf. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

USHER, Shaun. (Org.). *Listas extraordinárias*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WALLECHINSKY, David; WALLACE, Amy. *O livro das listas: uma coletânea das informações mais curiosas do mundo*. Adaptação de Priscila Arida. Tradução de Mirian Groeger e Sylvio Gonçalves. Rio de Janeiro: Record, 2006.